

Eduardo White: Pensar um Moçambique diverso

Paulo César Vieira Figueira

CEC – Centro de Estudos Comparatistas

CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas

email: paulocv@sapo.pt

RESUMO

Moçambique, nos finais do século XX, alvorecer do século XXI, procura uma necessidade urgente de se redescobrir com base nas diversidades habitadas e capazes de projetar uma identidade singular, recetora de uma janela de mundos. Eduardo Costley White, nascido de uma geração que se liberta do rótulo pós-colonialista, emerge como um poeta dotado de uma perspetiva integradora e dialogante entre o passado e o presente, com o objetivo de um futuro edificado na relação das paisagens. A diversidade que habita o universo sentido de e por White permite-nos olhar para a sua poética como um fluir de mosaicos de uma língua pátria e de uma realidade plural.

Palavras-chave: **White; rizoma; diversidade; pluralidade; Moçambique.**

ABSTRACT

Mozambique, in the late 20th century, the dawn of the 21st century, seeks an urgent need to rediscover itself based on the diversity that is inhabited and capable of projecting a unique identity, receiving a window of worlds. Eduardo Costley White, born of a generation that frees itself from the post-colonialist label, emerges as a poet endowed with an integrating and dialoguing perspective between the past and the present, with the aim of a future built on the relationship of landscapes. The diversity that inhabits the universe felt by and by White allows us to look at his poetics as a flow of mosaics of a mother tongue and a plural reality.

Keywords: **White; rhizome; diversity; plurality; Mozambique.**

A Poética da Relação, cultuada por Édouard Glissant, ganha especial relevância num espaço em construção como o Moçambique sonhado pelo poeta Eduardo White. Tal como nas Antilhas, a pátria de White precisa de reunir os seus mosaicos dispersos na edificação de uma face identitária de aceitação da sua diversidade, com o objetivo de se tornar um rizoma ou parte de, “comme un lieu où on ‘donne-avec’ en place de ‘com-prendre’” (Glissant, 1990: 158).

Com isto, pensamos que uma das pretensões poéticas de White é a revelação uma “identité-rhizome” moçambicana, uma identidade de abertura, que aceita o outro, com a consciência de que esse outro é uma peça fundamental para a identidade de si próprio e vice-versa, o que fomenta uma perspetiva de “donner-avec”:

La Relation relie (relaie), relate. Domination et résistance, osmose et renfermement, consentement de langage et défense des langues. Leur totalisation ne produit pas en procédé net, ni perceptible avec certitude. Relié (relayé), relaté ne se combinent pas de manière conclusive. Leur mélange en désapparence (ou profondeur) n’est pas marque, en surface, d’un révélant. La poétique de la Relation fait tressaillir ce révélant, par solliciter l’imaginaire. Ce qui ressort le mieux de la Relation, c’est ce qu’on en pressent. (Glissant, 1990: 187-188).

Falamos de uma “identidade-rizoma” que, na esteira de Glissant, se caracteriza, de um modo geral, como “la pensée de l’errance et de la totalité” (Glissant, 1990: 158). Assim, no caso de Moçambique, exploramos um país que resulta de um cruzamento cultural entre África, Europa e Ásia, cuja geografia política e humana foi definida pelo elemento externo europeu, mas que, no presente, esse elemento não deixa de ser parte do *puzzle* moçambicano: “Je vous quitte maintenant, qui à aucun moment ne quittez la fête que vous nous donnez. M’allant reconnaître dans l’indistincte et si précise effervescence, d’une autre sorte, où ne s’amasse pas l’oubli, et qui ne cesse, changeant toujours” (Glissant, 1990: 225).

A proposta de trabalhar a diversidade em Eduardo White¹ pareceu tentadora no sentido em que nos obrigou a pensar Moçambique numa perspetiva de uma geração literária que, a braços com uma panóplia de multifacetadas peças de um mosaico vasto e enriquecedor, procura a redescoberta de uma identidade africana virada para as diferentes janelas que a abrem para o mundo.

Ao pensarmos Moçambique, cremos reportar-nos a um país que se pauta por uma constante recuperação e reapropriação de identidades, que se ramificaram em rostos rearticulados e em peças de um *puzzle* em perene gestação. A necessidade da sua emergência identitária causa no processo literário uma constante busca da emancipação.

Com efeito, a partir das reminiscências da guerra da independência moçambicana e, sobretudo, do pós-guerra civil, White elaborará a sua escrita com base na confluência do lugar sob o signo de isotopias plurivalentes, ao encontrar na diversidade em língua portuguesa, e não só, um novo sol para um país entre os elementos africano, europeu e asiático. O sujeito poético de Eduardo White projetar-se-á no lugar matricial da terra no plano do concreto-inteligível, o que tornará o perscrutar da diversidade espacial e apropriativa um processo idílico amplificado.

Influído pelo passado recente, White afirma-se num país pós-independência com a marca d'“os pequenos cacós dos sonhos que partiram ontem” (Laban, 1998:

1 Eduardo Costley White foi um poeta moçambicano, nascido a 21 de novembro de 1963 (Quelimane) e falecido a 24 de agosto de 2014. Frequentou o Instituto Industrial e colaborou com a imprensa. Autor de obras como *Amar sobre o Índico* (1984), *Poemas da Ciência de Voar e da Engenharia de Ser Ave* (1992) ou *Dormir com Deus e um Navio na Língua* (2001), foi reconhecido com diversos prémios, de que se destaca o “Prémio José Craveirinha” (2004). Eduardo White é, para nós, fruto de um pós-guerra civil violento e violentador do sujeito. Inere-se no grupo de escritores que pretende dar um novo rosto a um país dilacerado, onde impera a dor reveladora de novas epifanias. A veia poética deste autor revelou-se desde cedo e a convivência com nomes consagrados das letras daquele país suportou uma projeção significativa, que acarretou o reconhecimento auspicioso da sua poeticidade singular. Na nossa interpretação, a Literatura Moçambicana (nomeadamente a escrita de White) abandonou o seu vértice pós-colonialista, tendo como grande propulsor a integração do homem moçambicano no mundo, como herdeiro de diversidades cardinais. A geração de White, que reafirmamos como pós-coutiana, vive num mundo afastado dos sonhos da independência política, mas não da identitária. É uma geração que viveu os diversos desfasamentos sócio-históricos, sofreu a não solidificação da nação independente, descobriu um país formado por outros, com outras faces e outros mosaicos, uma nação que ainda não emergiu das suas valências e se tornou refém de clivagens estéreis.

1192), marcado pela incerta confirmação de um porvir construído sem sangue, estando a sua esperança situada no mundo da poesia (Chabal, 1994: 338-340). O autor não se coíbe de chamar ao leitor a relembração da possibilidade do amor, veiculando a sua arte poética à essência do amor e variadas manifestações, que é o âmago que restou ao povo moçambicano. No entanto, a sua ideia de um coletivo precisa de uma primeira etapa de construção, o conhecimento do Eu:

de tanto cantarmos o nós, esquecemo-nos profundamente de cantar o eu, porque não podemos ter uma ideia de nós se não temos uma ideia do eu: não há uma ideia da colectividade se não há uma noção de indivíduo. E politicamente nós estamos a sofrer isto, porque quando as pessoas se descobrem elas, quando descobrem o eu, o sentido da vida ganha proporções que muitas vezes não têm nem dignidade nem significado. [...] De maneira que retomando o lirismo da poesia moçambicana, eu acho que apenas o retomei porque acreditava, e acredito plenamente, que era necessário – e é necessário – que a poesia e a literatura deste país se debrucem e se encaminhem dentro do contexto do indivíduo como ele, e depois do indivíduo como nós, como sociedade, como colectivo (Laban, 1998: 1180-1).

Neste sentido, parece-nos que em África, no pós-independência, emanarão os traços da subjetividade e da edificação da identidade e respetivo individualismo. Assim, White distingue-se dos estereótipos veiculados pela literatura pós-colonial, porque a subjetividade do(s) seu(s) sujeitos poéticos operará como uma entidade pessoalizada e reveladora de um cosmos criado em diversos estádios de inteligibilidade. O Moçambique pós-colonial e conflito civil, integrado nesse cosmos, será também parte do mundo globalizante:

[Os escritores] cumprem hoje um compromisso de ordem ética: pensar este Moçambique e sonhar um outro Moçambique. Correm o risco de todos os outros países, de serem devorados por essa mesma pátria que eles ajudaram a libertar. [...] Estamos aguardando pelo renovar de um estado de paixão que já

experimentámos, esperamos pelo reacender do amor entre a escrita e a nação enquanto casa feita para sonhar. O que queremos e sonhamos é uma pátria e um continente que já não precisem de heróis (Couto, 2005: 63).

Os processos poéticos de Eduardo White reinventar-se-ão consoante a composição do *puzzle* moçambicano, projetado nas coisas pequenas e individuais, que enriquecem o caminho humano. Projetam-se num individualismo pessoalizado na subjetividade do(s) seu(s) sujeito(s) poético(s), que se conclui como o imperativo da ligação dos seus mundos e de uma nova relação de leitura com o leitor. Na poesia de White, cremos assistir a uma reintegração telúrica numa ordem cósmica, como bem apontou Édouard Glissant em relação às Antilhas, na perspetiva relacional da partilha: “Peu à peu la terre est dévolue à ceux qui la souffrent, lui donnèrent sens nouveau. Ils la connaissent non dans son essence (périmée), mais dans un plus capital devenir: dans sa vocation d’accueillir et d’aller” (Glissant, 1997: 191).

White serve-se da tradição canónica e local para criar uma literatura híbrida, a exemplo da sua realidade espaço-temporal, apoiada na diversidade do *puzzle* que o envolve. Absorve a inundaçãõ da escrita predecessora em novas realidades expressivas, em cada experiência, memória e reidentificação. O Moçambique sonhado por White renasce da diversidade que ainda o torna um *puzzle* não encontrado, fruto das fontes africana(s), europeia e asiática.

O universo moçambicano parece inundado por uma diversidade fertilizadora e fundadora. Assim, procuraremos, através do *corpus* escolhido, *Janela para Oriente* (1999) e *O Manual das Mãos* (2004), encontrar a diversidade das influências, língua, paisagens, formas, na escrita de White, que o preconizam como um dos autores de uma Poética da Relação moçambicana, porque “Toute poétique est une recherche de la référence. La référence n’est que lorsque ceux qu’elle concerne en sont empreints sans exception” (Glissant, 1997: 184, itálicos do autor).

No presente artigo, cingir-nos-emos à exploração da diversidade geográfica, presente no nosso *corpus*, que leva a que o amor expresso na escrita de Eduardo White se reconfigure num novo Moçambique, um filho da lusofonia diversa e heterogénea, sustentado por um passado rico, um presente que se procura construir, e uma janela sobre o Índico e a sua extensão relacional, globalizante,

plurirracial e multicultural.

A GEOGRAFIA COMO DIVERSIDADE

Em Eduardo White, o sujeito vive um espaço em que ainda não se reconhece, mas que lhe permite o acesso à memória e a um futuro anunciado em novas geografias diversas e, em simultâneo, parte de um mesmo bloco.

Cada uma das geografias de White revela um mosaico desmontado de uma pátria desencontrada do sujeito. Assim, a diversidade geográfica expressa-se na esperança de se complementar num *puzzle*, porque a pátria se cinge a uma ideia sentida, cuja medida se concentra num campo de estilhaços dispersos, onde os espaços marginais se desafiam a existir pela poesia.

O sujeito poético descobre laços com a terra e o espaço, numa constante galopada pela alma e pela edificação do Eu. A terra, exilada do sujeito, pela ausência da sua existência, obedece ao caminho da reapropriação identitária, procurando consegui-lo na fé da fertilidade da escrita. Parece que, no pensamento de White, o poeta é o demiurgo que anuncia a relação ímpar com a terra, numa espécie de exílio voluntário de um mundo que necessita de reflexão, cuja forma o leitor desconhece.

A procura de um lugar composto por diversidades identificativas oferece ao Eu o lugar da sua autoidentificação e identidade, numa dimensão de reconhecimento do lugar e do não-lugar. Por isso, o exílio do sujeito poético reflete o arrebatamento do lugar para o plano da reimaginação, porque “El lugar y el no lugar son más bien polaridades falsas: el primero no queda nunca completamente borrado y el segundo no se cumple nunca totalmente: son palimpsestos donde se reinscribe sin cesar ‘el juego intrincado de la identidad y de la relación’” (Augé, 2005: 84).

Em White, as rotas do lugar edificam um museu imaginário constantemente revisitado em função do respetivo cânone. Não poderemos considerar uma nomeação recorrente do lugar como bengala do discurso poético, pois, o elemento desencadeador do Eu repercutido no discurso do texto é, muitas vezes, o sonho, que entra pela janela, a abertura fissurada do quarto que é o Homem e o diverso. O devaneio metonímico abre-se através de uma janela para Oriente e para o “mar” Índico, traçando uma rota lusófona. É o Oriente que redescobre o Eu que se

perdeu, mas que mantém entreaberta a janela do quarto:

Sinto o Oriente, palavra, até no estranho dialecto que agora pareço pronunciar, no arroz frito sobre o carvão, e o amendoim e a castanha vigorosa do caju num briani aveludado pela língua adolescente do desejo, amarelo de tempero, com o bastante numa pérola granítica de sal sem ser muito para a pálpebra vibrante do paladar, e a resina do piri-piri na grande bolha do fogo que faz por dentro do gosto. Tudo é tão longe quando é demasiado real, tece e trama-se, mas eu quero a matéria profunda e madura do sonho, a láctea via do leite, com vegetais, que parece não estar em cima desta secretária, a escultura branca tão perfeita de uma flor de lótus, o Buda fotografado no verde do jade ou então a palha entrançada no estático chapéu vietnamita a olhar-me da parede (White, 1999: 54).

Cada vez mais a janela se abre a um Oriente que surge como a palavra edificadora do sujeito, associada a uma sequência de metonímias, que convivem como fragmentos de pequenos quadros mentais. As visões articulam-se pela pronúncia, “o miolo do idioma” que se projeta como um novo sopro genesiaco em busca da perfeição metaforizada na flor de lótus, o verde do jade e a palha entrançada do chapéu.

Nesta evocação de traços particularizantes do Japão, da Índia e do Vietname, o poeta revela-se pela enunciação sensorial, anunciando novas intensidades. O poeta convoca as diversidades do trabalho poético como:

As coisas que posso ver como um louco e brincar com elas, salvá-las desta secreta condição dominical, mesmo que me adoeçam, mesmo que não valham mais nenhum afecto senão o meu e doam por tal, as coisas sobre as quais trabalho até à exaustão, como um mago, como o cerne de uma rebelião, as coisas que sinto e posso dizer, cantá-las até à vertigem, recolhê-las e residi-las, as coisas que invento sem merecer um ordenado por isso, como, por exemplo, os destinos a que não se chega, o relvado interior dos jardins, os lábios absolutos da música,

os risos tão vivos dos brinquedos, as coisas a que resisto, por vezes, quando não escrevo no meu emprego ou quando sou um pai normal (White, 1999: 58).

Nos momentos de exploração da carga plurissignificativa do universo imagético do “Oriente” e do “Japão”, o grande “mar” Índico abraça o extremo dos extremos, o Japão, um arquipélago – estilhaçado no mar, mas com uma identidade e uma cultura sedimentadas – no qual o sujeito divagante encontra o reflexo polido da almejada mundividência por construir, dado que reconhece na sua mancha geográfica contornos semelhantes aos de Moçambique, e o paradoxo do arquipélago se constituir uma identidade, apesar da diversidade das suas ilhas, e de o bloco continental moçambicano ainda não ter encontrado a expressão da sua face. Em *Janela para Oriente*, do “Japão”, ou “terra do sol nascente”, o sujeito apropria-se da luz para a sua iluminação geográfica e interior, pois a poética de White concebe o Japão como uma cultura milenar com a qual deseja comungar como um rizoma que se transforma ao apropriar-se da luz do sol nascente para reconstruir a estilhaçada identidade do sujeito whitiano.

A janela do Eu moçambicano revela-se pela extensão do olhar, incidindo na redescoberta das rosas, do sumo (desporto tradicional japonês) e da dignidade como marcas dos diversos mosaicos trespassados pela saudade do ser que procura redefinir-se, vertendo os seus fragmentos díspares no espelho da cultura milenar:

O Japão é um espelho com rosas pelas pontas, uma prova, um velho sumo que fala com clareza ou que por surpresa se imola, a porta que corre no sentido do sabre, o sangue e a dignidade. O Japão é um certo cavalo sobre o chão, alado e infalível nas suas nuvens, um templo entregue às divinas defesas, frieza, crivo de prata toda, tinta pura, o polido esquivo das uvas. (White, 1999: 29).

O “sabre” alude ao samurai e à “tinta pura” associa-se à arte da caligrafia e da pintura, nomeadamente, as aguarelas e a tinta chinesa. Ainda em relação à citação e à alusão à profícua e estruturante ligação da poética de White ao Oriente, importa relevar Bashô, como exemplo do observador das coisas simples. Bashô é

citado como a excelência da beleza da forma poética clássica do Extremo Oriente, o haikai: “um tal fabricante de sushis chamado Bashô” (White, 2004: 46). Em *Os Materiais do Amor* (1996), White fala d’“o meu haikai numa rá de Bashô, minha grafia etérea do Japão” (White, 1996: 37), que corrobora a referência rizomática, no mesmo livro: “estou do avesso nos versos dos meus poetas preferidos” (White, 1996: 22).

A importância de Bashô em White relembra o perfeccionismo pelo rigor dos haikai através das coisas simples, uma vez que, a partir da geografia, é permitida a mediação do inaudito na contemplação das pequenas coisas da natureza. A busca da “grafia etérea do Japão” é a busca da identidade do poeta que tenta não ceder às pressões do trabalho frustrante, que vive na ânsia de uma identidade volátil e que atinge os seus momentos de sublimação quando se refugia na emulação dos escritores e na abertura de uma janela.

Moçambique é um país cuja janela necessita de outros alicerces que sustentem e liguem os seus estilhaços, é um país que precisa de se sonhar e, equivalentemente, o sujeito enunciador enceta o devaneio incessante por outros espaços, para coser os seus múltiplos farrapos e visualizar a possível senda propícia à superação das fendas que o dilaceram.

Nos abismos do sonho, na ânsia de explorar o ilimitado, o sujeito traça, no Japão, a meta da janela infinita que se expande até à correnteza do ignoto: “Na correnteza dos mares o teu nome apruma a linha de onde te vejo, Japão que não te conheço, oblíqua serpente, vou chegar-me devagar à janela, levar as mãos para mais perto do que não fica aí de mim” (White, 1999: 32). A estética de White é, grosso modo, caracterizada pela enumeração metonímica, que assenta em pormenores de quadro, realçando as isotopias da delicadeza, o primado da meditação e o pendor ritualista e sacrificial em reconhecimento, neste caso, da honra da cultura japonesa.

O Oriente de White é a invenção do mundo a partir de um cais, a janela de saída do quarto, a janela que apela à diversidade moçambicana como unidade: “un projet dont on observera le double mouvement: se vouloir terre et arbre pour gagner sa liberté; être libre pour s’identifier à la terre et à la arbre. La poésie est recherche convulsive vers ‘une ombre de soi qui en soi fait des signes d’amitié” (Glissant, 1997: 137). A abertura surgida ao sujeito poético implica, também, a imersão no devaneio da imaginação, tornando-se uma saída para a introspeção.

White envereda pelo Oriente como um sonho visualizado por uma janela, representativa do Eu, mediante descrições fugazes e entrecortadas que seguem o ritmo do devaneio do sujeito sequioso de horizontes alternativos por onde se projeta sem alcançar a construção de um pleno enraizamento. O leitor sente esta experiência como uma idealização onírica, em que falta a vivência, suprida pelo artifício da escrita.

Mas White também olha para o Ocidente e para um outro tempo de revisitação, onde impera a mordacidade da citação irónica de “Whitman, Eliot, Sartre, Lorca, Neruda” e outros pensadores (White, 2004: 27), ao que é necessário corresponder com o adestramento das mãos, que cativam as reminiscências da epígrafe de Neto: “Eu, apenas eu e as minhas mãos” (White, 2004: 29).

O sujeito das mãos, da viagem, do sonho, necessita de uma mescla memorial que o redimensione em vários domínios, através da citação de vultos, de terras e de apropriações explícitas, desde a epígrafe. Torna-se pertinente a recriação de uma geografia de louvor e ironia, exemplificada em Camões, parodiado pela referência a *Os Lusíadas* e o episódio da gruta de Macau:

Cheia de livros em poses graves, prontos para as mãos. A luz que entra desenha-me a sombra sobre eles. Estendida e distorcida. Uns sobre os outros os livros lembram-me o prédio onde vivo. Os inquilinos, os seus personagens. Deveria, por certo, tratá-los mais nobremente. Como o velho tomo dos *Lusíadas*, do ano de 1862, do meu olímpico nadador que a crawl salvou os versos que escreveu e que eu acabaria por amar. (White, 1999: 26, itálicos do autor).

A viagem de Vasco da Gama é reconstituída ao inverso, num influxo contrário ao do marinheiro português, a grande passagem para o Atlântico, através de uma janela para o Índico:

Gosto do porto que é para este barco da imaginação, da sua janela infinita, infinita como o céu que por ela me chega. Podia contornar Durban daqui, dobrar o Cabo da Boa Esperança para Ocidente, trazer outras rotas mais antigas que essa história que escreve a minha

língua. Mas há tantas coisas que eu não quero, tantas coisas estranhas que não são como eu sou (White, 1999: 32-33).

Impera a vontade do sujeito, que não quer uma “janela para ocidente”, porque a História poderia ter sido escrita ao contrário, mas não. A língua que o sujeito ama conta uma história que se abre para Oriente. Há que adestrar as mãos do “macua zarolho” que aporta a Moçambique:

Por isso a Ilha é calma. Tonta de tanta quietude e, talvez, será o que querem dizer as faces delicadas das suas negras, as mãos talhadas dos seus ourives.

Assim, o meu velho Camões, macua zarolho só por ter visto sempre demais, terá, talvez, ali, amado seu negro, seus humanos adamastores e com eles provado essa fatalidade incontornável de ser poeta sem ilha na ilha extensa dos que nela, até hoje, não o sabem ler.

Mas era para lá que eu queria partir (White, 2004: 62).

O sujeito ironicamente transfigura o universo camoniano para o seu próprio universo onde “ninguém liga peva à poesia. Nem à poesia e nem a outra coisa nenhuma que cheire a cultura” (White, 2004: 48). White fala do seu Moçambique onde se planta a sua janela entreaberta sobre o Índico e constantemente atordoada pelos resquícios desses mosaicos de ilhas.

Muitas das referências colocam-se, em White, como metáforas das rotas livrescas, na perspectiva da reconstrução do mosaico geográfico que é o seu próprio corpo. A pátria volta ao rigor do discurso e embrenha-se com as mãos azuis do céu e com o olhar da janela geograficamente apontada para Oriente.

Mas, para o sujeito, o Ocidente continua presente. Não é esquecida a América que se constituiu com base em estilhaços, pátrias deixadas por se reinventar, a partir de uma janela que se abriu para Ocidente, cujo propósito seria alcançar o Oriente:

Mãos azuis, não me canso de dizer, azuis e em pé sobre as areias da sua sina, pátria com bandeiras e com vírgulas sobre o sangue, idioma dos índios e dos Andes, das flautas nostálgicas dos Incas, mãos nuas em sua língua, vibrantes como um grilo embebedado, como um mendigo esgazeadado numa praça qualquer na Argentina (White, 2004: 43).

O Eu necessita de se recompor com a realidade. Sente uma necessidade verbal de se recolocar na base da solidão com que sobrevive e com que reinicia constantemente as suas rotas de destino. Sente a necessidade básica de fechar a janela, e, num movimento inverso ao da introspeção, abre o seu quarto factual: “Vou voltar do Oriente. Tentar, um pouco, a frescura, dominar a inquietação. Mas o acaso leva-me agora, a pensar na exaustão” (White, 1999: 63). O Oriente reafirma-se como sonho de fuga ao quarto e a rota da introspeção exaustiva do Eu. A referência às distantes terras do Oriente representa a alegoria das máscaras com que o sujeito se constitui um outro, sempre dentro do mesmo quarto: “Tudo me espera lá fora quando eu penso cá dentro. O Japão, a Índia, a China, o Tibete e outros lugares que revisitarei como quem anoitece alegórico, como quem afaga um sonho” (White, 1999: 47).

Concluimos que o lugar em White é um périplo incessante em busca pela identidade, onde se nota o condicionalismo propositado do Eu estampado no rosto diverso da terra. A geografia propõe inventar um universo a Oriente. Na poética de White, a janela expande-se, em modo rizoma, para o Oriente, como se o próprio leitor se debruçasse de uma janela, em Moçambique.

AS JANELAS DA ABERTURA

Na poética whitiana, a janela transforma-se numa parte do sujeito: “como esta janela móvel comigo pela casa” (White, 1999: 53). A janela e a varanda repercutem-se pela cultura moçambicana como as extensões da casa. A varanda é o lugar do convívio e, simultaneamente, o espaço das conversas, é uma varanda plurissignificativa, pois coaduna-se com a ideia de sujeito e de pátria.

Mia Couto, que interpretamos de uma geração anterior à de Eduardo White, fala da construção de pátria e abertura à janela da memória e do mar. A janela confere ao sujeito a ideia de esperança e de uma dimensão ausente

do imediatismo do quotidiano: “Depois divaguei na varanda, com o oceano a namorar-me o olhar. Lembrei as palavras do pangolim: - *Aqui é onde a terra se despe e o tempo se deita*” (Couto, 2003: 147-148, itálicos do autor). Em *Terra Sonâmbula*, a ideia de namoro com o “mar” Índico soe-se como uma afirmação do Eu que vagueia pelos escombros da memória e pelos vestígios do olhar: “Eu não me mexi. Fiquei esperando nem sei o quê. Era como se aquele navio, de repente, se tivesse tornado num lugar muito antigo, a lembrança de uma casa onde me apetecia nascer” (Couto, 2000: 66) e “Tudo acontecera na vizinhança do autocarro. Era o país que desfilava por ali, sonhambulante. Siqueleto esvaindo, Nhamataca fazendo rios, as velhas caçando gafanhotos, tudo o que se passara tinha sucedido em plena estrada” (Couto, 2000: 147). A este facto complementa-se o mar e a direta referência ao Índico como um Mar-Pátria:

Eu e Surendra partilhávamos a mesma pátria: o Índico.

E era como se naquele imenso mar se desenrolassem os fios da história, romelos antigos onde os nossos sangues se haviam misturado. Eis a razão por que demorávamos na adoração do mar: estavam ali nossos comuns antepassados, flutuando sem fronteiras. Essa era a raiz daquela paixão de me encasear no estabelecimento de Surendra Valá. (Couto, 2000: 26).

Em *A Varanda do Frangipani e Terra Sonâmbula*, a varanda constitui o *axis mundi*. Em White, a varanda transformar-se-á numa janela, que continua a ser uma ilha banhada pelo Índico, a pátria do Eu. Os elementos presentes em Couto, a diversidade moçambicana, voltam a reunir-se e a recriar a ideia poética da personalidade do sujeito e em consequência dos *heterotopoi* sobre os quais se desenvolverá a ação. A construção identificativa dos *heterotopoi* estabelecem a identificação do Eu com o lugar. A ligação com o respetivo espaço geográfico transforma-se numa simbiose com movimentos anteriores, porque a porta e a janela são lugares comuns à recorrência das isotopias textuais. Resgatar o passado torna-se a motivação para chegar ao futuro: “pela primeira vez, ‘habitar o passado’ é, de fato, algo mais do que uma metáfora da imaginação histórica” (Gumbrecht, 1998: 32).

A poética relacional de Eduardo White contribui, acima de tudo, para a consciencialização dos mosaicos diversos que se ligam a um rizoma: Moçambique. O espaço moçambicano, carente de marcas que o definam, ganha, na escrita de White, o estatuto de um lugar de crescimento, nomeado em várias faces e geografias diversas, que casam com a identidade moçambicana, num jogo metonímico de integração e amor, pelo espaço, pela língua, pela escrita:

Le lieu-commun, que nous avons défini comme la manifestation, par un agent-d'éclat, d'une ligne de force latente ou insoupçonnée, acquiert par là et aussitôt une puissance neutre, dont la répercussion est spectacle et fuite. La notion elle-même de mode est dépassée dans cette vitesse. Il s'agit bien d'une suite d'ivresses dont aucune mode ne donnerait le sens. Les lieux-communs sont les particules éphémères en divagation dans ce nodule froid qu'est la communication: toutes les idées sont dans l'air, mais en importe surtout la manifestation publique et s'il se peut outrée ou simplifiée. (Glissant, 1990: 190).

Na poética de Eduardo White, o “mar” Índico é o espaço visão onírico, que cumpre a função da relação de Moçambique com geografias milenares, sem que o sujeito se abstraia do lugar físico primordial. O Oriente de White é uma ironia constante com o pedante mundo de inquilinos que habitam as suas mãos. O Oriente crava-se como a resposta à ausência da mulher edificadora, como a visão do vinho ou ao constante apelo aos monstros da escrita. Assim, o mundo transposto apelará, em White, às temáticas da escrita. A geografia é um dos suportes da vivência errante do sujeito fragmentado, em busca do reconhecimento do espaço. O sujeito ainda se encontra refém de um porto inexistente e é no universo onírico que vislumbra uma geografia existente a partir da fissura da janela – a fissura da viagem – que lhe permite estabelecer laivos matriciais com a terra. A esse propósito, White viaja para o Oriente regenerador, tornando-o um suporte para a criação de uma identificação pátria. O sonho entrelaça-se com a realidade da escrita e o fascínio pelo Oriente e pela Índia dos diversos panteões:

Meu Oriente de tão variadas unidades, mãe de toda a energia

criadora, panteão dos deuses, como eu posso ver daqui tudo, a Índia, por exemplo, bela e misteriosa, helénica, por vezes, pérsica e europeia, por outras. [...]. De azul eu te sonho sanatana, erudita pelas tuas ruas, pelos mercados do colorau, do gengibre e do cominho, pela humana e mortal divindade dos teus faquires, dos encantadores de serpentes. Sonho o conhecimento sagrado da minha Ishta Devata, nas ofertas de flores e incensos com que te venero em Dasawtara ou em Gupta, ou em toda a tua intangível essência (White, 1999: 34-35).

O Oriente deixou de ser um sonho. O Oriente é agora o “Meu Oriente de tão variadas unidades” (White, 1999: 34), um *locus amoenus* sensitivo, diverso, criador, lugar do sagrado. No Oriente, impera o amor conciliador da criação escrita de White, porque o seu sujeito poético se apresenta como uma experiência criadora, espreitada através de uma janela e sentida pelas mãos e os sonhos diversos que se constroem na reconciliada geografia pátria, a herança africana, europeia e asiática redimidas no grande “mar” Índico.

BIBLIOGRAFIA

Augé, Marc, 2005, *Los No Lugares: Una Antropología de la Sobremodernidad*, Barcelona, Gedisa.

Bashô, Matsuo, 2003, *O Gosto solitário do Orvalho*, introd. e versão de Jorge Sousa Braga, Lisboa, Assírio & Alvim.

Chabal, Patrick, 1994, *Vozes Moçambicanas – Literatura e Nacionalidade*, Lisboa, Editorial Vega.

Chaves, Rita, 2002, “A Ilha de Moçambique. Entre as palavras e o silêncio”, in Gilda Santos (org.), *Metamorfoses*, nº 3, Rio de Janeiro/Lisboa, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Caminho, pp. 93-102.

Chaves, Rita de Cássia Natal, 2000, “Eduardo White”, in Maria do Carmo Sepúlveda & Maria Teresa Salgado (coord.), *África & Brasil: Letras em laços*, Rio de Janeiro, Atlântica, pp. 133-155.

Cezarillo, Luis, 2005, *Obra Poética de José Craveirinha e Eduardo White: Utopia e Liberdade no Horizonte do Possível*, São Paulo, Imprensa Universitária.

Couto, Mia, 2000, *Terra Sonâmbula*, Lisboa, Caminho.

- Couto, Mia, 2003, *A Varanda do Frangipani*, Lisboa, Caminho.
- Couto, Mia, 2005, *Pensatempos*, Lisboa, Caminho.
- Deleuze, Gilles & Guattari, Félix, 1980, *Mille Plateaux: Capitalisme et Schizophrénie* 2, Paris, Les Éditions de Minuit.
- Glissant, Édouard, 1990, *Poétique de la Relation*, Paris, Gallimard.
- Glissant, Édouard, 1997, *L'Intention Poétique*, Paris, Gallimard.
- Guillén, Claudio, 1995, *Entre lo Uno y lo Diverso. Introducción a la Literatura Comparada*, Barcelona, Crítica.
- Gumbrecht, Hans Ulrich, 1998, “As Cascatas da Modernização”, in João César de Castro Rocha (introd. e org.), *Interseções: a materialidade da comunicação*, Rio de Janeiro, Imago/EDUERJ, pp. 23-39.
- Laban, Michel, 1998, *Moçambique: Encontro com Escritores*, vol. III, Porto, Fundação Engenheiro António de Almeida.
- White, Eduardo, 1999, *Janela para Oriente*, Lisboa, Caminho.
- White, Eduardo, 1996, *Os Materiais do Amor, seguido de O Desafio à Tristeza*, Lisboa.
- White, Eduardo, 2004, *O Manual das Mãos*, Porto, Campo de Letras.